

Assembléia de chefes indígenas no Amazonas

No Purus:

Enquanto os jovens Paumari se dedicavam intensamente à pesca para que não faltasse alimento farto para ninguém, dezenas de líderes indígenas representando nações do Alto Purus, como a dos Kulina, Apurinã, Kaxinawá, Jurauara e Paumari, se reuniam no início do mês de outubro em assembléia dos chefes indígenas realizada no Lago Mahãa, no rio Purus, município de Pauini, no Estado do Amazonas, durante 3 dias: a FUNAI impediu arbitrariamente a participação dos SURUI. Daniel, da nação Pareci, foi especialmente convidado para coordenar este encontro internacional de alto nível, onde se discutiu temas importantes como a invasão das terras indígenas, FUNAI, Igreja, divisão dos povos, necessidade de união e organização, cachaça, saúde, escola e padrões seringalistas. No final, o tuxaua Manduca da nação Kulina convidou os participantes a comparecerem a uma próxima assembléia em seu território no alto Purus, na lua de junho de 1980. Os líderes indígenas denunciaram os barcos pesqueiros de Manaus que "acabam com todo peixe", poluem as águas e fazem escassear os alimentos. Denunciaram ainda o prefeito de Lábrea que se diz dono do território dos Paumari e aceitaram o exemplo dos Tapiarapé e dos Pareci que arrancaram as placas das fazendas, derrubaram cercas das empresas, construíram porteiros em suas terras e inclusive aprisionaram um trator dos brancos. Destacaram a necessidade de unidade e concluíram, diante da invasões de suas terras, que é preciso ter paciência porque realmente "é difícil amansar branco, mas ele amansa porque até touro amansa". Esta reportagem foi publicada no jornal PORANTIM, editado em Manaus, na edição n.º 13, de novembro.

COM essas palavras, o tuxaua Francisco, Paumari, definiu a situação, intercalando seu discurso com frases como "Não sei se estou certo" e recebendo vários apertes de outros líderes que gritavam: "Está certo sim. Está em cima da lei". Ele disse:

"Se a FUNAI não vier demarcar a terra, nós reunir a nossa turma pra fazer demarcação. Nós somos todos índios no Brasil e todo mundo me-tendo a mão nas nossas coisas, como seu Tinó (prefeito de Lábrea) que se orgulha de ter casa em Manaus e em Lábrea. Carro correndo pra lá e pra cá. Tudo isto ligando pra quem enriquece ele. Nós é que somos donos. Agora nós deixa entrar qualquer um no lago. Eu ficar sozinho não posso fazer o serviço. Preciso reunir uns 10 homens. Não sei se estou certo (muitos apertes e conversa, ao mesmo tempo, apoiando Francisco). Nós um dia pode ajudar vocês: É DIFÍCIL AMANSAR ESSA GENTE (o BRANCO). Porque não amansa se até touro amansa! Vamos dizer: eu pego um onça, vou amansando ela. Quando chega gente de fora, ela não vai estranhar. Assim também nós vamos amansar esse cariu. Se a FUNAI não ajuda, nós vamos fazer".

Publicamos aqui parte dos discursos pronunciados, sendo que as palavras entre parênteses não foram ditas pelos participantes, mas colocadas no texto para maior compreensão do leitor.

COME NUM PRATO SÓ

EDUARDO PEQUENO, representante do tuxaua Apurinã do Posto Indígena Camicua, Boca do Acre: "Vim ajudar vocês conseguir terra pra vocês. Nós já sofremos como vocês. Nós quer ajudar vocês conseguir terra de vocês. Nós precisa terra pra toda vida".

MÁRIO, Kaxinawá, Alto Purus: "Se nós não botar força, nós não ganha terra. Eu falo por vocês, falo por nós. Todos nós somos tudo irmãos. FUNAI promete muito, mas não aparece. Temos que resolver por nós. Estamos aqui pra resolver o problema terra. Nós não está aqui pra brincá. Havia Kaxinawá espalhado; agora está se ajuntando 111 pessoas, 24 famílias. Lá somos unidos, nós como num prato só. Nós é que vamos resolver por nós. A FUNAI leva tempo. FUNAI quer dinheiro para eles. Agora meter a cara pra conseguir terra pra nós. Eles estão pra lá no seu canto".

HÉLIO, Apurinã: "No canto onde vivemos, não temos onde trabalhar. Estamos lá há 15 anos, mas não temos terra. Estamos todos resolvidos a tirar terra. Lá somos todos uma só família; não temos tuxaua. Querem que eu fique".

AGOSTINHO, Apurinã: "Estamos lá (Lábrea) há 5 anos. Eu ia fazendo roçado num canto, aí vem alguém diz que é dono. Aí passo para outro lugar e vem o dono. Então furei na mata, onde não tem capoeira. Então eu quero tirar essa terra. Tem muita gente nossa lá. O certo é a gente se unir, depois procurar donde vender melhor. Até agora é só trabalhar sem receber. Nós procura terra, terra pra nós. Eu corto 10 medidas e devo dar 5 pro patrão e ainda tirar pra ele. Também tem problema de cachaça em Caitetu (bairro de Lábrea)".

GANHANDO IMPULSO

RAIMUNDO (Constantino), Apurinã: "Nós anda jogado. Gente quando pega topada, ganha impulso; nós queremos é isso: tomar impulso. Vem pra ajudar vocês, a ajudar nós também. "É isso mesmo" (aparteia Serafim). Quando chegou Cabral, nós já estava aqui. O branco não pode fazer de nós o que ele quiser. Tudo que a gente faz, nunca consegue nada. O pobre nunca consegue nada. Lá em Lábrea o branco mexe em qualquer coisa e vai preso".

JOÃO, Jaraura: "Terra não está marcada, lugar Boa Vista. Patrão Manoel Salgado não fornece talão. Os índios estão muito espalhados. FUNAI não sabe (não a conhecem). Escola não tem lá".

DOHO, Kulina: "Agora ninguém entra na terra. FUNAI (Terry) esteve lá; falar botar ro-

çado grande. Problema de bebida algum só". Serafim aparteia: "cachaça não presta; só prejudica. Cariú (o branco) bebida abusar moça".

FRANCISCO LOPES, Paumari: "Reunir pra fazer nossa força. Todos dizem que nós não tem terra. Essa reunião é pra dar força. Vieram de muito longe para dá ajuda. Nós vive jogado como cachorro. O branco fala que nós não temos direito. O patrão diz que é dele (a terra). Pela lei é nossa. Há dois anos é prometido tira terra, mas não vem ninguém. Isto aqui é nosso. Isso não pode ser assim. Nossa tribo está toda eplhada. Nós não trabalha no que é nosso por isso vive tudo espalhado. Assim não pode, precisa ajuntar tudo num só lugar".

PAULINO, Paumari: "Nós precisa o lugar, nós quer nossa terra. Patrão diz que paga bem, não paga. Só faz prometer. A gente nunca tem saldo. Patrão diz: "Eu pago tanto". Quando vai ver, não tem tanto. Nós quer tomar o que é nosso. Nosso pai está enterrado acolá. S. José Igarapé Quebra Remo. Precisa tirar terra grande, botar roçado".

ALCIDES, Paumari: "Vocês vieram de muito longe pra escutar minha fala. Nós queremos nossa terra, a nossa mãe, nossa avó está enterrada aqui, temos que demarcar para cima do Quebra Remo, na Repartição. A terra é nossa e nós queremos ficar com a terra. Nós queremos assegurar a terra nossa".

FALAR COM UMA BOCA SÓ

DANIEL, Pareci: "Vou contar pra vocês a experiência que tivemos de luta dos índios, que se uniram pra conseguir terra pra plantar. A FUNAI prometia, prometia. Os índios Pareci, Iranxe, Kayabi têm suas terras demarcadas, mas lutaram pra que a FUNAI fizesse como eles queriam. Apiaká, Rikbaktsa e outros também conseguiram suas terras, terras demarcadas. Temos que se unir para escolher terra pra viver todos unidos. Quanto mais unidos, menos o branco pode fazer contra nós. Quando todos juntos dizer: Essa terra é nossa. Que civilizado ou branco pode com a gente? Precisamos conseguir terra pra os filhos porque a gente, já vive sofrendo, nossos filhos vão sofrer mais ainda. Os Pareci fizeram frente a FUNAI e defenderam a terra, mas não vai um só, vão todos. Hoje, em volta da terra dos Pareci, está cheio de fazendas. Se os Pareci não se interessarem pelas terras, hoje não teria nada. A união do índio não está em falar a língua do civilizado, vestir como civilizado, mas falar nossa língua, fazer nossas festas e guardar nossos costumes. (Diversos índios falam ao mesmo tempo apoiando as palavras de Daniel).

HÉLIO, Apurinã: Vocês todos aqui se reunir, chamar tuxaua para demarcar terra: falar tudo com uma boca só.

FRANCISCO, Paumari: Se não vier FUNAI demarcar, nós mesmos vamos demarcar.

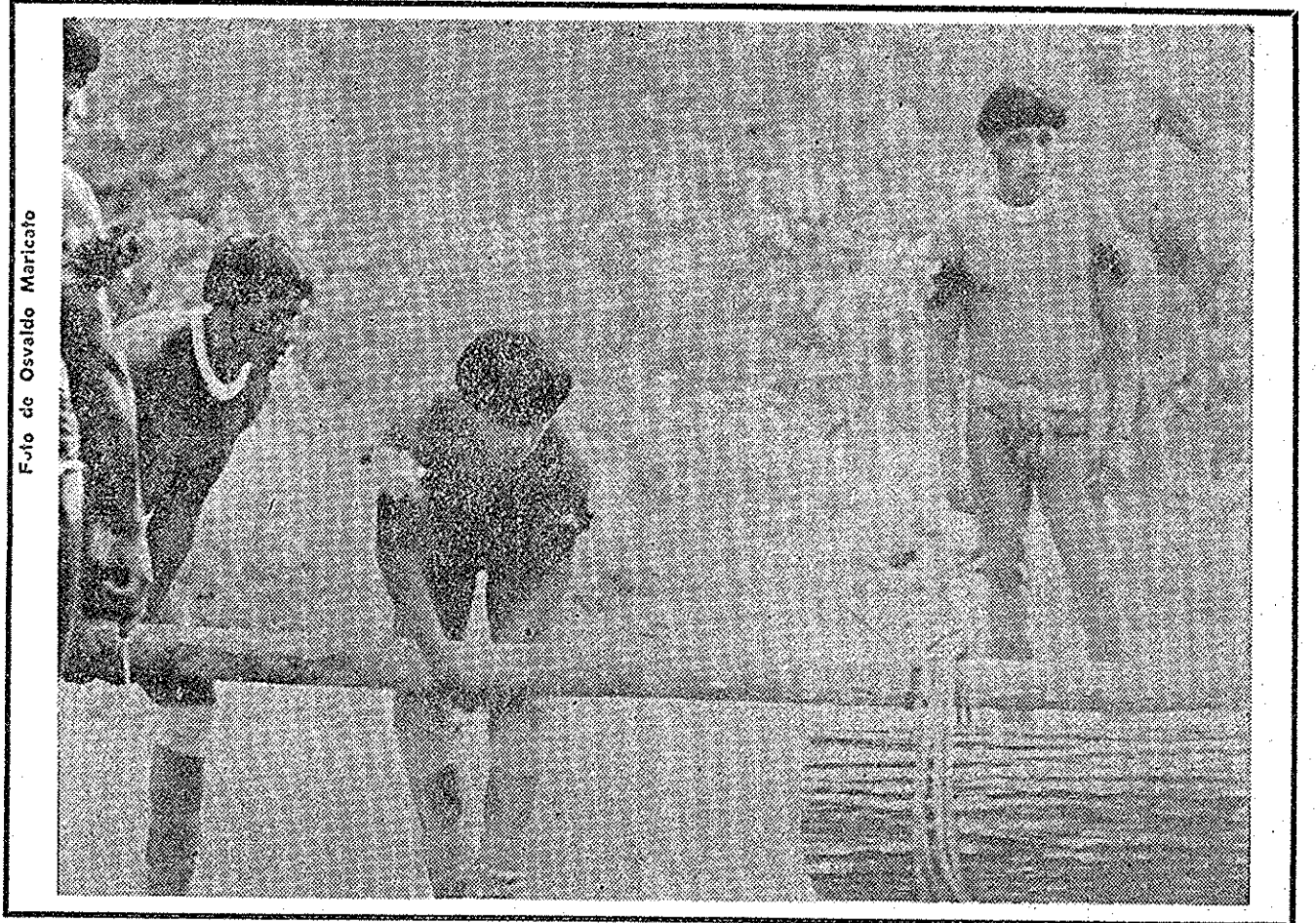
CECILIA LOPES, Paumari: "Nós queremos nossa terra porque finada minha avó foi enterrada aqui, eu nasci aqui, finada minha mãe está sepultada aqui. Não tem lugar pra nós morar noutro canto. Eu (vou) morrer e meu marido morrer, tem meu filho pra viver e precisa de terra, mas o branco quer entrar na nossa terra. Não tem lugar pra nós morar. Nossa terra mesmo é aqui. Nós era mais, agora é pouco. Nós estava pra cima e deu doença, então nós voltamos pra nossa terra e portanto nós quer nossa terra".

LEI É LEI

AGOSTINHO, Apurinã: "Vou falar pouco: sou analfabeto. Nós quer conseguir terreno pra nós lá atrás na Lábrea. Nós quer que a FUNAI sem tardança vem demarcar. A FUNAI não sabe o que está passando o índio, nós que estamos sofrendo como cachorro, mas a FUNAI não enxerga nós".

CONSTANTINO, Apurinã: "Quando o branco chegou, nós já estava aqui, mas nós fomos sempre afastado pra trás. Então assim nós quer terra, Lá na Lábrea tem um igarapé solto, nós quer viver lá. A FUNAI promete, mas não vem, então eu vou enfrentar com minha gente. A FUNAI somos nós mesmo".

DANIEL, Pareci: "Vou ler aqui a lei da FUNAI (le o art. 1.º da lei n.º 5.371 de 5 de dezembro de 1967), que autoriza a "Fundação Nacional do Índio": "Respeito à pessoa do índio e às instituições e comunidades tribais; garantia à posse permanente das terras que habitam e ao usufruto exclusivo dos recursos naturais e de todas as utilidades nelas existentes; preservação do equilíbrio biológico e cultural do índio, no seu contato com a sociedade nacional; promover a prestação de assistência médico-sanitária aos índios". Por que existe a lei não é para ser cumprida? (Todos falam ao mesmo tempo apoiando os comentários de Daniel). Tem também a lei do índio e Estatuto do Índio, que diz assim (le os artigos 22, 23 e 25 da lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973). "O



reconhecimento do direito dos índios, grupos tribais à posse permanente das terras por eles habitadas, nos termos do artigo 198, da Constituição, independentemente de sua demarcação e será assegurado pelo órgão federal de assistência aos silvícolas, atendendo à situação atual e ao consenso histórico sobre a antiguidade da ocupação..."

HÉLIO, Apurinã: "Meu pensamento é unir o pessoal no (igarapé) Teuini. Lá há uma área grande. É área do índio. É posto (do SPI) que morreu. Vamos lutar pra levantar novamente o posto. Dependente do Governo Federal garantiu ajuda. Nessa área poderia juntar os Apurinã da beira do Purus. Pretendo entrar em contato com as autoridades".

DANIEL, Pareci: "Vou citar o exemplo dos Tapiarapé, que se reuniram e foram a Brasília. Voltavam pra aldeia com promessas, depois voltam outra vez pra Brasília para perguntar porque não tinha ido. Já que vocês não vão nós mesmo vamos fazer os picadões. O mesmo aconteceu com os Pareci que lutaram com a FUNAI para demarcar a terra. Como esta não demarca nada, então os próprios índios, que, a princípio ajudavam o cariú (branco) a entrar na terra do índio, começaram a tirar as placas das fazendas nas terras deles, começaram a defender as terras. Se o índio não soubesse defender a terra, a FUNAI não teria feito nada. Os índios puseram porteira numa estrada que entra na reserva deles. Os índios escolheram mais um pedaço de terra e passaram a explorar essa área. Os fazendeiros que não podiam entrar pela frente, desceram um igarapé e entraram pelos fundos. Gastamos dois dias para descobrirmos os intrusos. Quando encontramos, demos prazo de um mês. Nesse tempo fomos à FUNAI, que apoiou o fazendeiro. Depois de um mês voltamos ao local e forçamos o fazendeiro a sair da terra. Prendemos um trator".

BRASILEIRO ACABA TUDO

RAIMUNDO HONÓRIO, Paumari: "Nasci aqui, estou com 28 anos. Meus avós morreram aqui. Nós vamos ficar com essa terra. Os brancos já entraram na nossa terra. Não pode ser assim daqui pra diante. Nossa terra tem lagos e precisamos pegar todos esses lagos. De primeiro tinha muito peixe, chegaram os pescadores de Manaus e agora está difícil. Daqui pra diante não vai ter peixe nem pros nossos filhos. Os brasileiros acaba com tudo".

SERAFIM, Paumari: "Vou contar uma situação que os patrões faz: noutro tempo, peixe não faltava. Agora chega geleiro, quatro anos, no inverno, na vasante. Agora acabou comida nossa: piracuru, tracajá, tudo acabar. Quando nós mata peixe, não dá pra comprar uma precisão e fica devendo tanto, tanto.

FRANCISCO, Paumari: "Nós vive abandonado, nós quer material, ferramenta. Nós quer vencer nossa reunião pra conseguir machado, terçado, motor pra mandioca, moto-serra, forno pra torrar farinha. Tudo nós estamos precisando aqui. Sem material não se pode fazer trabalho. Com a unha não dá, com os pés não pode, porque ninguém é porco. Por isso nós precisa de material. Se a FUNAI não vier demarcar a terra, nós reunir a nossa turma pra fazer demarcação.

DANIEL, Pareci: "Vocês devem controlar esses lagos, não deixar outros mariscar.

FRANCISCO, Paumari: "Agora é uma grande dificuldade pra encontrar peixe grande. Se nós não fazer assim, a gente é como cachorro, que está comendo chega alguém e dá um pontapé nele".

SEBASTIÃO, casado com Paumari: "Nós está esperando faz dois anos que vem funcionário da FUNAI e até agora nada veio. As coisas tão cada vez mais caras. De primeiro pra arrancar um peixe neste lago era a maior facilidade. Depois que chegou esse geleiro não (se) pode conseguir um peixinho pra criança. Teve um ano que não se podia beber água do lago de tanto peixe podre. Peixe amanhecia morto na malhadeira então eles não davam pra gente, jogavam fora.

DEMARCAR NA MARRA

DANIEL, Pareci: "Vocês devem saber que os índios no Norte exigiram da Eletronorte, que estava entrando na terra deles, que respeitassem o direito deles. Assim devem fazer os geleiros. Não

devem bancar o mole. Também os Rikbaktsa, quando viram que um seringueiro plantou numa ilha deles, puseram pra fora. Com terra garantida, vocês podem conseguir outras coisas. Outro exemplo é o dos índios XOKÓ que tomaram conta da sede da fazenda e não arreadaram o pé. Só vamos sair daqui morto, disseram. Assim, pois, ter consciência da necessidade da terra e depois lutar pra conseguir. A FUNAI em Rio Branco e em Porto Velho está sabendo dos Apurinã e Paumari, mas não se mexe. Os Apurinã estão passando maior necessidade, passando amargura nesse interior. Pois é agora, depois que nós reunir tudo, aí nós vamos vamos botar o picadão onde nós quiser. Vamos marcar a terra e não deixar mais branco entrar. Vocês devem primeiro avisar a FUNAI para depois ela não dizer que os índios agiram por conta. Deve ser feito com paciência, consultar as pessoas que estão ajudando os índios".

HÉLIO, Apurinã: "A gente deve se comunicar quando tem problemas. Então comunicar pra nós ajudar. Nós não tem advogado. Nosso advogado é a nossa força". (Todos falam ao mesmo tempo, a respeito da necessidade de se unirem).

DANIEL, Pareci: "Nós fizemos esta reunião pra abrir um pouco os nossos olhos. Pra gente garantir o futuro dos nossos filhos".

ACHEI BONITA A REUNIÃO

EDUARDO PEQUENO, Apurinã: "Vim do posto Camicua pra ajudar vocês pra conseguir terra pra vocês. Nós sofremos, nós bebemos gasolina (refere-se ao fato do vereador "Mineirinho" de Boca do Acre ter feito um índio Apurinã beber gasolina com areia), nós apanhamos (foram espancados pela polícia), nós ficamos presos, nós sofremos de fazendeiro. Estamos lutando. Terra já ganhamos, mas não marcaram do jeito que nós quer, então nós empatamos. Se FUNAI não voltar, nós faz picada por nós mesmo. Eu gostei de ver vocês falar sobre terra de vocês. Amanhã vamos embora. Vamos ficar com muita saudade. Vocês fizeram favor de receber nós aqui, dar comida pra nós. Vocês compraram farinha pra nós. Agora vocês não devem beber mais cachaça. Este que está aqui (referia-se a ele), bebia cachaça, agora não bebe mais. Pode fechar nossa sessão. Vamos embora pra nossa terra".

MIGUEL, Kulina: "Nós já dormimos muito, então abrir os olhos. Se o cara fechar os olhos nós já era. Estou falando pra nós tudinho".

AGOSTINHO, Apurinã: "Eu achei bonita a reunião. Daqui pra diante vai melhorar, pelo que meus amigos falam, estou vendo que vai ser positivo".

FRANCISCO, Paumari: "Estou achando que vai tudo bem. Essa reunião está servindo muito, está muito legal. Não sei dos outros.

RAIMUNDO, Apurinã: "Essa reunião foi boa. Ninguém achou que é um feio outro é bonito. Nós não somos todos iguais? Não é bonito a tribo nossa viver alegre, viver satisfeito. Eu queria que todos vivesse unido. O serviço que nós faz é pra nós. Se tem uma pedra de dois mil quilos, poucos não mexe com ele". (Aparteia Serafim: "Pau grosso não dá pra um alui"). Depois voltaremos a nos encontrar e ver se aproveitou. A luta é longa. Eduardo (Apurinã) lutando há oito anos, os Pareci há quase dez. Só desejamos que vocês aprendam o máximo. Eu vou voltar pro meu povo, vou contar pro meu povo.

